

Um projeto de tradução feminista transnacional e estratégias estrangeirizantes: “El viaje”, de Melanie Taylor, em português

Marina Leivas Waquil¹

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Considerando os princípios da Tradutologia Feminista Transnacional segundo os quais se defende intervir nos desiguais fluxos de conhecimento produzidos no mundo por meio da tradução, este trabalho se centra em apresentar um projeto tradutório de uma mulher e de um contexto geopolítico em grande medida desconhecidos no Brasil: a panamenha Melanie Taylor. A partir da tradução para o português de seu conto "El viaje", refletiu-se sobre a aplicação de estratégias tradutórias feministas e estrangeirizantes que, ao mesmo tempo, visibilizam o texto enquanto tradução, valorizando a voz da tradutora, e destacam a alteridade cultural enunciada no texto de partida, contribuindo para a difusão de conhecimento no contexto de chegada.

Palavras-chave: Projeto de tradução; Estratégias tradutórias; Tradutologia Feminista Transnacional; Estrangeirização.

Title: A transnational feminist translation project and foreignizing strategies: “El viaje”, by Melanie Taylor, in Portuguese

Abstract: Considering the principles of Transnational Feminist Translation Studies according to which we can defend the intervention in the unequal flows of knowledge produced in the world through translation, this paper attempts to present a translational project of a woman and a geopolitical context largely unknown in Brazil: the Panamanian writer Melanie Taylor. From the translation into Portuguese of her short story "El viaje", we reflected on the application of feminist and foreignizing translation strategies which, at the same time, made the text visible as a translation, enhancing the translator's voice, and highlighted the cultural otherness enunciated in the source text, contributing to the dissemination of knowledge in the context of arrival.

Keywords: Translation project; Translation strategies; Transnational Feminist Translation Studies; Foreignization.

Introdução: um projeto de tradução feminista, transnacional e estrangeirizante

Na seção intitulada “Nota das Tradutoras”, que introduz a tradução de *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*, de Silvia Federici (2019, p. 7), o coletivo de tradução feminista Sycorax, responsável pela versão do texto para o português, destaca que sua prática tradutória se guia pela concepção de tradução enquanto

¹ Doutora e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atualmente é pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1773-5380>. E-mail para contato: marinawaquil@gmail.com.

“aproximação”, que “[...] pode significar ‘avizinhar-se’, ou mesmo ‘fazer parecer mais próximo’”. Nesse sentido, o coletivo evita a ideia de traduzir como “transportar”, que “[...] pode ser entendido como ato de ‘passar de um meio de expressão para outro’, mas também como ‘passar por sobre’ ou ‘alterar a ordem de’” (FEDERICI, 2019, p. 7), ideias às quais, claramente, é inerente não apenas uma violência, mas também uma relação de poder e hierarquia. Assim, é de acordo com essa perspectiva, que entende que a tradução é um meio pelo qual podemos aproximar mundos e, conseqüentemente, suas pessoas, histórias e culturas que neste trabalho se questiona quem – e como – estamos aproximando (e podemos vir a aproximar), por meio da tradução, a leitoras(es) brasileiras(os)(es), buscando, como resposta, contribuir para o esforço de expandir as possibilidades de leituras ao apresentar um projeto de tradução de uma voz, de uma autora, de uma literatura e de um país ainda, em grande medida, desconhecidos em nosso contexto.

Além disso, entendendo que a desigualdade na publicação de traduções é ainda maior quando acrescentamos a questão de gênero, o foco deste estudo está também no esforço de dar voz à produção de mulheres especificamente. Embora estejamos testemunhando cada vez mais mulheres ocupando diferentes espaços dos processos e produtos editoriais, em diversos sentidos há ainda muito que evoluir. No campo específico de quem traduzimos, as falhas são evidentes. Em Waquil (2021), analisei a lista publicada pela revista literária colombiana *Arcadia*, organizada por um júri de professores e acadêmicos de literatura hispano-americana de diversas universidades espalhadas pelo mundo que selecionou os 100 melhores livros escritos em língua espanhola por mulheres no período de um século, entre 1919 e 2019. O exposto intuito dessa lista era o de “[...] resgatar a boa literatura escrita por mulheres e direcionar o olhar para o próprio percurso; para aquelas que abriram o caminho escrevendo quando ninguém as ouvia e para aquelas que as seguiram” (REVISTA ARCADIA, 2019, on-line). O objetivo da revista *Arcadia*, portanto, era visibilizar a escrita dessas mulheres e oferecer a suas leitoras e leitores a possibilidade de novas leituras. Segundo a análise feita em 2020, apenas 20 livros desse total de 100 listados contavam com uma versão em português brasileiro publicada pelo mercado editorial. O resultado desse levantamento não apenas respalda uma tendência, apontada, por exemplo, por Guardia (2007), mas também confirma a tese que sustenta o projeto de tradução apresentado aqui: a produção literária de mulheres da América Latina e do Caribe está longe de ser conhecida, publicada e lida no Brasil de forma ampla. Importantes obras escritas por mulheres em países geograficamente próximos ao Brasil seguem completamente ignoradas pelo mercado editorial e, conseqüentemente, da massa leitora.

No sentido de contribuir para que, aos poucos, mas com urgência, revertamos esse confinamento literário e expandamos nossas leituras aqui no Brasil, este trabalho busca apresentar um projeto de tradução de um texto escrito por uma mulher, a escritora Melanie Taylor, que se situa em um contexto geopolítico do qual, com a exceção de poucas informações e certos estereótipos, ainda sabemos muito pouco: o Panamá.

A tradução é, na perspectiva que sustenta este trabalho, uma ferramenta que possibilita a divulgação de vozes, culturas, histórias e visões de mundo em lugares diferentes

dos quais as originaram. É fundamental, nesse sentido, que os Estudos da Tradução proponham discussões questionadoras sobre o espaço dado/aberto/fornecido à produção literária de mulheres latino-americanas e caribenhas, incentivando o mercado editorial – tanto o *mainstream* quanto o independente – a investir na sua tradução e difusão e estimulando pesquisadoras e pesquisadores a direcionar seus estudos a novas subjetividades e contextos geopolíticos.

Além disso, no processo de tradução dessas vozes, sugere-se que é importante uma dupla valorização: a da voz que enuncia o texto em seu contexto de partida e a de quem o aproxima de outra cultura por meio da tradução. Para produzir essa polifonia, propõe-se, neste trabalho, a aplicação da perspectiva estrangeirizante, tal como discutida na reflexão de Venuti (2004), com a qual se pode desafiar a opressora ilusão da transparência da tradução e evitar um apagamento que homogeneiza o texto final, e, portanto, interfere na apreensão, por parte de quem lê, de uma cultura diferente da sua.

Este trabalho se estruturou, além disso, na perspectiva feminista e transnacional dos Estudos da Tradução, a partir da qual se focou na proposta de interferir nos fluxos de tradução que atravessam o Brasil e que privilegiam a tradução da produção dos mesmos contextos geopolíticos há anos, trazendo, com frequência, vozes já conhecidas e mantendo em silêncio inúmeras outras.

Essas perspectivas orientaram a aplicação de estratégias tradutórias que buscaram manter em evidência a voz panamenha de Melanie Taylor e, ao mesmo tempo, o trabalho da tradutora na reelaboração desse texto para um novo público leitor, feito com base na concepção de tradução como “lócus da diferença” (VENUTI, 2008), com a qual se busca desmistificar a ditadura da fluência na tradução que disfarça a violência etnocêntrica que lhe é inerente.

O conto “El viaje”², de Melanie Taylor (2009), é preciso destacar, foi selecionado para tradução não só porque chama a atenção por uma execução literária potente, mas também porque introduz elementos histórico-culturais fundantes do Panamá e, certamente, desconhecidos da maioria das(os)(es) leitoras(es) brasileiras(os)(es). Além disso, aponta os efeitos da colonização devastadora que marca a constituição desse espaço e que tem profundos reflexos, até hoje, na sua sociedade. Buscou-se, assim, com essa tradução, tensionar o conhecimento que se tem sobre a América Latina e sobre países culturalmente fora do *mainstream* de nossa recepção literária, dialogando com novas e diferentes produções intelectuais e perspectivas sobre o espaço que, em certa medida, dividimos como latino-americanas, latino-americanos e latino-americanes.

Este trabalho, portanto, tem em seu cerne o objetivo de chamar a atenção para a necessidade de questionar o quê e quem lemos por meio da tradução e de demonstrar como esse processo pode ser realizado para valorizar a diferença e a multiplicidade de vozes presente em um texto traduzido, instigando novos movimentos de busca por outras experiências e abrindo um novo espaço na recepção literária brasileira. Nesse sentido, trata-

² O conto se encontra disponível para leitura, na íntegra, no blog da autora no seguinte endereço eletrônico: <https://melanietaylorherrera.wordpress.com/mis-cuentos/> Acesso em 15 fev. 2022.

se de um projeto pelo qual se entende que é possível estudar e praticar a tradução “[...] como um foco de diferença, em vez da homogeneidade que amplamente a caracteriza hoje” (VENUTI, 2006, p. 556).

Referencial teórico: um encontro entre teorias feministas da tradução e a defesa da estrangeirização

Desde os anos 1960, importantes mudanças sobre a tradução passaram a ser operadas nas reflexões teórico-acadêmicas do campo, que, nesse período, começa a se debruçar sobre questões de poder intrincadas nas práticas tradutórias. Mais profundamente, entre o fim dos anos 1970 e o início dos 1980, pesquisadoras e pesquisadores do campo no mundo todo começam a explorar temas relativos à noção de poder em sua relação com a tradução. Assim, passam a denunciar usos da tradução como ferramenta para a manipulação social e para a formatação opressiva dos tipos de cultura desejados pelas instituições no poder (TYMOCZKO; GENTZLER, 2002). A partir disso, e como consequência dos debates produzidos a partir das novas reflexões, os Estudos da Tradução vivem o que se tornou comum chamar “virada cultural”, com a qual as reflexões centradas exclusivamente em minúcias linguísticas, com foco apenas nas diferenças entre as línguas envolvidas na tradução, cedem espaço para discussões sobre implicações e forças ideológicas produzidas na e pela tradução. Com isso, os objetos de estudo do campo são expandidos: as reflexões passam a considerar elementos como contextos geopolíticos, sujeitos e subjetividades, pressões ideológicas e relações de hierarquia envolvidas nas atividades tradutórias. Essa “virada cultural” nos Estudos da Tradução, portanto, resultou em uma mudança teórica e metodológica que impulsionou o campo a abandonar a busca por padrões universais na tradução e a concentrar-se em elementos até então ignorados, como as implicações ideológicas e as relações de poder que estão envolvidas nos processos de tradução (BASSNETT, 2014).

Nesse contexto, como destacam Tymoczko e Gentzler (2002), a noção central da virada cultural foi a de “poder” e, entre os grupos e escolas que se desenvolveram no cerne dessas discussões, estava um conjunto de mulheres que “[...] se envolveram intimamente na negociação de significados no Canadá, desafiando as estruturas de poder implícitas e explícitas em sua cultura” (TYMOCZKO; GENTZLER, 2002, p. XV) e que centraram sua análise e sua produção precisamente na intersecção entre mulheres e tradução. Como aponta Olga Castro (2017), isso foi possível porque não faltavam – e ainda não faltam – pontos de encontro que aproximam as mulheres da tradução: ambas as existências – mulheres e tradução – têm sofrido, historicamente, uma dupla inferioridade discursiva, isto é, são elementos de posição periférica em relação a um centro; situam-se à margem do discurso dominante; têm a diferença como a base de sua existência; e, ao mesmo tempo, representam espaços produtivos e inquietantes de interação dialética entre várias culturas com potencial de subversão de línguas e culturas. Assim, os feminismos, movimentos ético-políticos que se estruturam no combate às opressões de gênero historicamente perpetradas contra as

mulheres, também se abrem ao diálogo com a tradução enquanto instrumento aliado nessa luta. Por isso, no contexto acadêmico, as discussões sobre a tradução e seus fenômenos a partir de uma perspectiva feminista têm sido cada vez mais frequentes, aprofundadas e variadas, mas, em certa medida, ainda não tão reconhecidas quanto bases teóricas mais tradicionais.

Como mencionado, desde os anos 1980, essa reflexão vem sistematizando-se e tem sua origem marcada pela produção escrita, e posteriormente tradutória, de mulheres feministas no Canadá, especialmente na região do Quebec. Denominado *a posteriori* “projeto de tradução feminista canadense” ou “escola canadense”, o movimento que deu início ao campo de estudos feministas da tradução foi um “[...] fenômeno conectado com uma prática de escrita específica em um ambiente ideológico e cultural específico, resultado de uma conjuntura social específica” (FLOTOW, 1991, p. 74). Nesse contexto e período histórico, marcado pelo desenvolvimento e pela expansão de teorias desconstrutivistas e pós-estruturalistas, que ofereceram bases para o questionamento de noções até então basilares, como autoria e original, a tradução passou a ser observada não como prática estritamente linguística, mas também – e principalmente – como um fenômeno sociocultural. Como aponta Chamberlain (1988, p. 327), “[a]s teorias feminista e pós-estruturalista nos encorajaram a ler entre ou fora das linhas do discurso dominante para nos informarmos sobre formação cultural e autoridade”.

O Canadá, país oficialmente bilíngue, multicultural e caracterizado como uma “zona de tradução”, como aponta Sherry Simon (2018, p. 331), conforma-se como “[...] um lugar de intercâmbios linguísticos, uma zona de grande consciência linguística, onde o tráfego e o intercâmbio de idiomas são acelerados ou contestados”. Nesse contexto, práticas experimentais de escrita feminista produzidas por mulheres entre o fim dos anos 1970 e o início dos 1980 foram traduzidas e geraram reflexões tradutórias que estabeleceriam um paradigma no campo para o desenvolvimento e estabelecimento de perspectivas teóricas feministas da tradução.

O legado feminista canadense para a tradução se centra especialmente na ideia e na possibilidade de questionamento, problematização, subversão e transgressão da linguagem por meio da tradução como forma de introduzir a subjetividade experienciada pelas mulheres e de destacar a agência da tradutora, valorizando sua manipulação e celebrando a polifonia de vozes produzida, mantida e destacada no texto traduzido. É, portanto, um projeto que, baseado no compartilhamento e na colaboração entre escritora e tradutora, sustenta a valorização da alteridade e dá visibilidade à multiplicidade de vozes presentes no texto traduzido. Barbara Godard (1989), por exemplo, nome fundamental desse movimento no Canadá, sustentava sua reflexão na defesa da agência da tradutora e propunha a superação de noções equivalencistas na tradução, destacando a tradutora como leitora ativa e produtora de uma enunciação criativa. É nessa defesa que, por exemplo, cunha o termo “womanhandle” para interceder a favor das marcas da mulher tradutora no texto traduzido.

No entanto, como qualquer perspectiva teórica vinculada a movimentos sociais, os enfoques feministas sobre a tradução não permaneceram invariáveis, fixos, imutáveis; pelo

contrário, “transformaram-se a partir do diálogo com as diversas (re)formulações das teorias feministas para dar respostas a novas materializações do patriarcado e de outros sistemas de opressão” (CASTRO; SPOTURNO, 2020, p. 13). Assim, com o objetivo de ampliar o paradigma canadense, foram sendo elaboradas outras reflexões e concepções sobre o ponto de encontro entre tradução, mulheres e feminismos a partir da exploração de novas formas de traduzir e de teorizar sobre a tradução.

Neste trabalho, sustenta-se a discussão justamente a partir de um desses novos desdobramentos da reflexão, a Tradutologia Feminista Transnacional (TFT), que se apoia na perspectiva dos feminismos transnacionais, cujas reflexões são sempre anunciadas como situadas, isto é, atravessadas pelas experiências de vida de quem as produz e enuncia; portanto, implicam a necessidade de revisão autocrítica constante, de modo a evitar a produção de discussões, conceitos e conhecimentos universais, generalizáveis. Além disso, sua discussão tem como cerne o paradigma da interseccionalidade, a partir da qual as opressões de gênero são analisadas da perspectiva de seus atravessamentos por contextos geopolíticos e por variáveis identitárias; dessa forma, entende-se que a opressão nunca é a mesma, mas, sim, resultado de diversas e variadas hierarquias de poder e desigualdades sempre situadas (CASTRO; SPOTURNO, 2020).

Tanto a reflexão teórica quanto a prática da TFT se caracterizam por um ativismo que busca não apenas cruzar fronteiras, mas, também, estimular e produzir encontros e alianças com as quais as mais variadas subjetividades se façam evidentes e sejam valorizadas. Nesses espaços, busca-se intervir nas hierarquias de poder que, entre outros, sustentam-se em direções de fluxos epistemológicos que privilegiam sempre as mesmas vozes em detrimento de outras (CASTRO; SPOTURNO, 2020). Para tal, a tradução tem papel fundamental, na medida em que possibilita a construção de encontros polifônicos com os quais é possível questionar valores e pontos de vista dominantes que produzem e sustentam desigualdades.

Com base nisso, a TFT vem estruturando-se, nos últimos anos, com cada vez mais profundidade e nos mais variados contextos, desenvolvendo perspectivas teóricas baseadas nos feminismos transnacionais e defendendo, estudando e praticando a tradução a partir de suas múltiplas e muitas possibilidades como instrumento de luta social, como ferramenta de questionamento de cânones literários, como espaço de diálogo e valorização de novas e diferentes, culturas, subjetividades e experiências, sempre a partir de uma posição de contestação das opressões, dos silenciamentos e no sentido de promover sociedades mais justas. Trata-se, sinteticamente, como propôs Luise von Flotow em sua conferência na Semana do Tradutor da Universidade Estadual Paulista de 2021, de incorporar o outro, ouvir o outro, publicar, ler e compreender o outro (FLOTOW, 2021).

Nesse sentido, este trabalho, assumindo essa perspectiva teórica, também dialoga intimamente com a posição de Lawrence Venuti, importante nome da virada cultural nos Estudos da Tradução que advoga por uma “política ética da diferença”, a partir da qual tradutoras(es) podem focar na construção de comunidades com culturas estrangeiras, sustentadas em compreensão mútua e em um projeto no qual os valores e as instituições domésticas sejam constantemente revisados e desenvolvidos (VENUTI, 2006, 2008).

Venuti desenvolve essa reflexão pensando no problema das relações de poder desiguais que se instauram e se estruturam entre as diferentes culturas – vê, nesse sentido, a tradução como um meio de questionar ou reafirmar essas desigualdades. Especificamente para sua discussão sobre estratégias/métodos de tradução, foi fundamental para Venuti a leitura de Friedrich Schleiermacher, que em 1813 já produzia uma reflexão ética da tradução, apontando dois métodos alternativos para a prática tradutória: levar o texto ao leitor, o que se leu posteriormente como “domesticação”, ou levar o leitor ao texto, o que corresponderia a “estrangeirizar” ou “exotizar” o texto. Em sua reflexão, Schleiermacher favorece e defende o valor da estrangeirização, que entende como uma possibilidade de enriquecer a língua de chegada envolvida na tradução, opondo-se à domesticação como método com o qual se tende a produzir em leitoras(es) a impressão de que o texto foi escrito naquela língua de chegada, apagando as marcas de alteridade da cultura, da autoria, da língua fonte e de tudo, em suma, que envolve esse contexto de partida. Assim, indicava que uma melhor abordagem para evitar, justamente, o apagamento da alteridade que caracteriza o texto de partida seria inserir sinais do estrangeiro, isto é, manter marcas de estrangeiridade do material textual a ser traduzido.

Venuti, por sua vez, atualiza a discussão proposta por Schleiermacher em 1813, adaptando-a ao século XX e mais especificamente às reflexões desenvolvidas nas últimas décadas, atentando, especialmente, para as questões ideológicas envolvidas no processo de tradução. Enquanto em Schleiermacher vemos uma preocupação mais estética com os métodos de tradução aplicados, isto é, um questionamento em relação ao apagamento das marcas linguísticas e formais do estrangeiro – que poderiam enriquecer a língua de chegada – em uma tradução especialmente de tipo domesticadora, Venuti direciona sua análise para as relações de poder e ideologias que são mantidas ou questionadas de acordo com as estratégias adotadas no processo de tradução. Assim, o projeto de Venuti, que também inclui a valorização da estrangeirização, é o combate ao que chama de “ilusão da transparência”, que se sustenta na estratégia de deixar a tradução o mais fluída possível. Para isso, o autor denuncia que, por trás dessa fluência, esconde-se – e paradoxalmente, ao mesmo tempo, manifesta-se – uma violência etnocêntrica, que é produzida pela aplicação de estratégias de cunho autoritário. Entende-se, claro, que a violência pode ser interpretada como um elemento inerente a qualquer atividade tradutória, que sempre pressupõe transformação e modificação com base em um texto de partida; o que se deve contestar é quando essa violência é, além disso, ética, ideológica e sustenta relações de poder desiguais entre as culturas envolvidas – e, portanto, pode ser evitada.

É preciso destacar, no entanto, que resistir à ilusão da transparência e a um projeto de fluência na tradução não é produzir um texto de chegada necessariamente opaco, tortuoso, intrincado, inacessível; pelo contrário, trata-se de valorizar, sim, a fluência como elemento importante para a leitura e para a recepção de um texto desde que, para isso, não se perpetre uma violência etnocêntrica e ética. É nesse sentido que Venuti não coloca a estrangeirização e a domesticação como estratégias em uma oposição binária; entende que são, isto sim, atitudes éticas que tradutoras(es) tomam em relação ao processo de tradução de um texto

estrangeiro e que sua aplicação varia de acordo com o projeto e com o contexto de tradução. Assim, enquanto a domesticação é entendida com uma “redução etnocêntrica do texto estrangeiro a valores culturais de chegada”, a estrangeirização seria a “pressão etnodesviante nos valores culturais de chegada para registrar as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro” (VENUTI, 2008, p. 15). Embora ambas se caracterizem pela parcialidade, a estrangeirização se diferencia pelo fato de que se trata de um método com o qual se sustenta e se defende a parcialidade (VENUTI, 2008), uma condição inerente à tradução e que não deve, e nem pode, ser evitada e menos ainda vista como um defeito (TYMOCZKO; GENTZLER, 2002).

Se consideramos, como Venuti (2008), que a subjetividade humana é múltipla, diversa e não unificada, não podemos esperar que a manifestação de tradutoras(es) seja imparcial e invisível no texto traduzido, lócus, justamente, da diferença.

Há décadas, teóricas da tradução feminista, como Barbara Godard, Luise von Flotow, Sherry Simon, Olga Castro, María Laura Spoturno, Lola Sánchez, entre outras, assim como autoras e autores que consagraram suas reflexões no que se convencionou chamar de “virada cultural” da tradução, denunciando as relações de poder envolvidas nesse processo, questionam noções autoritárias e silenciadoras da voz de tradutoras(es), como transparência, invisibilidade, fluência. Entende-se, portanto, em acordo com a TFT e com Venuti (2008), que a tradução, além de uma prática interpretativa que resulta em uma elaboração textual em uma língua diferente da de partida, é uma prática político-cultural que permite “[...] afirmar ou transgredir valores discursivos e limites institucionais na cultura de chegada” (VENUTI, 2008, p. 15). Nesse sentido, esta contribuição se alinha com esse questionamento e com o esforço de desmistificar esses conceitos, destacando que todo e qualquer texto é sempre derivado de outros e representa o resultado de outros materiais linguísticos e culturais – nesse sentido, nenhum texto é transparente. É, além disso, sempre uma prática social e um produto situado, fruto do trabalho de sujeitos igualmente situados, atravessados por uma miríade de elementos (gênero, raça, tempo histórico, geopolítica, entre outros) que, por sua vez, interferem e têm impacto em sua produção³, que é sempre parcial e contextual.

Este trabalho, portanto, sustentado no referencial aqui apresentado, propõe mobilizar a tradução como forma de interferir nas relações de poder do fluxo de tradução e do mercado editorial, que seguem ignorando vozes, culturas e histórias, especialmente as de mulheres. Assim, concentra-se no esforço de desmistificar a transparência e a fluência como elementos que tornam uma tradução mais adequada, legível e aceitável ao discutir a produção de um texto traduzido com marcas que deixam claro e que “transparecem” que a tradução é constituída por uma multiplicidade de vozes e que no texto traduzido uma cultura diferente da das(os)(es) leitoras(es) é evocada. Nesse sentido, essa cultura e tudo o que a envolve não

³ Para mais discussões sobre a noção de conhecimento situado na perspectiva feminista, sugere-se: CURIEL, O. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. In: MELO, P. B. [et al.] (orgs). *Descolonizar o feminismo*: VI Sernegra. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, 2019, p. 32-51; HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n.5, 1995; HARDING, S. *Whose science whose knowledge?* Thinking from women’s lives. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

são apagados no processo nem no resultado final da tradução; pelo contrário, são visibilizados pelas escolhas feitas pela tradutora. A partir disso, ficam visíveis não só elementos culturais, históricos, linguísticos, etc. de partida, mas também a presença dessa outra subjetividade, a da tradutora, que se manifesta a partir das estratégias que emprega e das escolhas lexicais que faz, como será discutido nas próximas seções.

Quem, o que e como? Um projeto de tradução do conto "El viaje", de Melanie Taylor

Melanie Taylor nasceu em 1972, na Cidade do Panamá. Com formação técnica superior em violino, também tem licenciatura em psicologia e mestrado em musicoterapia. Além de escritora, atua como professora de música, violinista e docente universitária. Melanie é autora de poemas, contos, microrrelatos e textos diversos pelos quais já ganhou diversos prêmios literários. No Brasil, teve um conto – “A falta de ficção” – traduzido e publicado na 5ª edição da revista literária Puñado (2019), organizada pela editora independente Incompleta. A revista Puñado é, justamente, importante representante de um esforço ainda incipiente no mercado editorial brasileiro de difundir a obra de mulheres da América Latina e do Caribe; na revista, esses textos são traduzidos e suas autoras são entrevistadas por mulheres brasileiras – até o momento, a revista, em sua 6ª edição, já publicou 34 textos de autoras de 18 países latino-americanos e caribenhos.

O conto “El viaje” é um dos treze textos que compõem o livro *Camino a Mariato* (2009), que ganhou o Premio Centroamericano de Cuento Rafaela Contreras de 2009, oferecido pela Asociación Nicaragüense de Escritoras (ANIDE) e que se centra na promoção da literatura escrita por mulheres – segundo Soto Ramírez (2009, on-line), “os contos de Melanie foram escritos com domínio de técnicas expressivas e com força narrativa”.

No que se refere à história, o conto “El viaje” tem como centro um grupo de mulheres escravizadas, trazidas no tráfico África-Américas, que servem como criadas no Convento de la Concepción, na Cidade do Panamá. O ano é 1671 e a população da cidade vive a angústia e a expectativa da anunciada invasão pirata comandada pelo temido Henry Morgan. Trata-se de um pano de fundo real, que marcou a história panamenha: os espanhóis colonizadores não foram capazes de conter a investida inglesa, que destruiu a cidade, violou mulheres, torturou e assassinou seus habitantes. Henry Morgan já havia atacado Portobelo e Maracaibo e era conhecido pela violência de suas empreitadas. Desafiado pelo governador panamenho Agustín Bracamonte, organizou uma frota de 35 navios e dois mil marujos, que encontraram, ao chegar ao Panamá, pouca dificuldade de enfrentar um mal organizado exército de espanhóis e escravos africanos. Tomaram a cidade e ali se instalaram durante dias para encontrar todo tesouro possível, destruindo o que viam pela frente.

No conto, ao longo da narrativa, Melanie Taylor, a partir da subjetividade e da experiência das diferentes criadas (escravizadas) no Convento de la Concepción, relata a tentativa de organização da cidade para se defender no combate à vista. Ao mesmo tempo, apresenta a organização no submundo do Convento e a preocupação das freiras, que se preparam para fugir da cidade e, ao mesmo tempo, desprezam o destino das criadas, que

seriam abandonadas à própria sorte. Algumas, em função disso, tentam sobreviver ao iminente ataque de diferentes formas: María La Gorda consegue ser enviada a trabalhar em um hospital; as gêmeas são escolhidas para acompanhar as freiras em sua fuga; Caimana foge com dois escravizados pela mata panamenha; María Piedad, grávida, foge com Juan, arreeiro e seu companheiro secreto. Mercedes, María La Flaca e Teresa decidem ficar no Convento e enfrentar seu destino final: a morte na mão dos piratas.

Com esses personagens, enredo e contexto, Melanie Taylor apresenta diversos elementos a leitoras e leitores: fatos históricos que deixaram profundas marcas no desenvolvimento político, econômico e social do Panamá, características estruturais e específicas da escravidão na região e a subjugação à qual se viram submetidas as mulheres nesse período.

Para traduzi-lo, partiu-se da concepção de Berman (1995) segundo a qual toda tradução se sustenta em um projeto, que a define e é fundamental para seu resultado final. O próprio autor, em 1995, refere seu primeiro uso do conceito de projeto a sua participação no evento ATLAS (“Assises de la Traduction Littéraire”) (1995, p. 76):

Numa tradução bem-sucedida, a união da autonomia e da heteronomia só pode resultar no que se poderia chamar de um projeto de tradução, que não tem necessidade de ser teórico. [...] O tradutor pode determinar *a priori* qual será o grau de autonomia ou heteronomia que atribuirá à sua tradução e isso sobre a base de uma pré-análise – digo pré-análise porque nunca se tem um texto realmente analisado antes de traduzi-lo – do texto a ser traduzido.

A reflexão do autor sobre a ideia de projeto de tradução se situa no marco do que chama de “trajeto analítico”, de modo que não se centra na oferta de regras e passos de “como traduzir”, mas, sim, propõe uma abordagem para a análise e para a reflexão sobre a tradução. O projeto de tradução, nessa perspectiva, é determinado pela posição tradutória assumida, que inclui a visão e o conceito de tradução da pessoa que traduz, e pelas restrições específicas que o trabalho a ser traduzido impõe. Tanto a posição quanto o projeto estão sustentados no que o autor chama de horizonte, o qual inclui os parâmetros linguísticos, culturais e históricos que “determinam” como tradutoras(es) sentem, agem, pensam. No entanto, Berman (1995) destaca que o projeto de tradução não deve ser visto como um elemento de rigidez inexorável, que exclui do processo de tradução os aspectos intuitivos, que, por sua vez, são-lhe sempre inerentes – a intuição, que orienta desvios e revisões estratégicas, pode manifestar-se mesmo com a predefinição de um projeto.

Para a tradução de “El viaje”, decidi organizar um projeto de tradução que resultasse em um texto que deixasse clara a alteridade estrangeira, valorizando a voz de Melanie Taylor, seu texto e os elementos histórico-culturais que o sustentam. Ao mesmo tempo, também foi parte estrutural do projeto evidenciar o texto como tradução por sua polifonia, através da afirmação da presença e da agência da tradutora e de sua voz, que se manifesta no texto traduzido por meio de escolhas e estratégias aplicadas conscientemente a partir da definição inicial do projeto-guia.

Nesse sentido, em resumo, definiu-se este projeto de tradução como uma oportunidade de destacar, por meio da elaboração ficcional-real de Melanie Taylor, 1) elementos da cultura e da história panamenhas, em grande medida ainda desconhecidos no Brasil, aproximando-os do público leitor brasileiro; 2) a produção/voz literária de mulheres latino-americanas, ainda insuficientemente traduzidas no Brasil; e 3) a tradução como uma relação em que se manifesta uma pluralidade de subjetividades, que coabitam o texto traduzido.

A seguir, são discutidas algumas características do projeto e estratégias aplicadas na tradução de “El viaje”, que ilustram o desenvolvimento de um processo tradutório em acordo com o projeto predefinido.

Projeto e estratégias de tradução em “El viaje”/“A viagem”

No contexto dos Estudos da Tradução, a noção de estratégias ainda tem sido superficialmente debatida se comparada com outras; são poucas as categorizações de estratégias tradutórias elaboradas e, frequentemente, incompletas as suas definições, que não raramente se confundem com as de outras noções, como as de método ou técnicas de tradução. Na perspectiva de Hurtado Albir (2013), que enxerga essa confusão conceitual, o método é uma opção global da pessoa que traduz que passa por todo o texto e afeta tanto o processo quanto o resultado da tradução; já as técnicas são procedimentos verbais concretos, visíveis no resultado da tradução e aplicados para o estabelecimento de equivalências tradutórias; finalmente, para a autora, as estratégias, que não são necessariamente verbais, são utilizadas em todas as fases do processo de tradução para a resolução de problemas.

Neste trabalho, acrescenta-se a essa perspectiva de Hurtado Albir (2013) sobre as estratégias a possibilidade de aplicá-las não apenas quando da constatação de problemas que exigem soluções tradutórias, mas, também, para a marcação, no texto traduzido, da posição ética, política e ideológica de quem traduz; dessa forma, a concepção de estratégia de tradução que guia este trabalho se encontra na interface do que a autora define como método e como estratégia: trata-se de uma opção – ou, para usar o termo de Berman (1995), de uma posição – global (em relação ao texto) por parte de quem traduz e que, ao mesmo tempo, também pode manifestar-se no nível textual, nas escolhas feitas ao longo do processo de tradução (e não necessariamente apenas na resolução de problemas que surjam nesse processo).

É nesse sentido, por exemplo, que um dos principais nomes da reflexão sobre a tradução feminista, Luise von Flotow, apresenta possibilidades de estratégia no texto “Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories”, de 1991, um marco para a discussão de estratégias de tradução feminista. Nessa reflexão, von Flotow discute três opções de intervenção para a realização de traduções ancoradas em uma perspectiva feminista: o sequestro (*hijacking*⁴), uma espécie de manipulação geral e consciente da tradutora em

⁴ O termo é elaborado a partir de uma crítica feita a uma tradução feminista por um jornalista de Montreal que ataca a tradutora Susanne de Lotbinière-Harwood por suas “excessivas” interferências na tradução, afirmando

relação ao texto de partida; a complementação (*supplementing*), isto é, a incorporação de informações adicionais ao texto traduzido que possibilitem o esclarecimento de questões que, de outra forma, ficariam apenas subentendidas ou até mesmo apagadas; e a inclusão de paratextos, como notas de rodapé ou prefácios, em que a tradutora possa explicar seu processo e discutir escolhas e, ao mesmo tempo, visibilizar-se no texto.

No sentido da visibilidade de tradutoras(es) no texto, como resistência a seu apagamento, relaciona-se também a mencionada discussão popularizada por Venuti (2006; 2008) tanto sobre a denúncia de políticas e práticas de invisibilidade da(o) tradutor(a) quanto sobre suas reflexões a respeito de estrangeirizar (resistindo ao apagamento de traços culturais e subjetivos na tradução) e domesticar (que anula a alteridade e homogeneiza o texto em seu resultado final).

Nesse sentido, o processo tradutório do conto “El viaje”, de Melanie Taylor, como comentado, guiou-se pelas reflexões feministas aplicadas à tradução elaboradas pelas canadenses e atualizadas, mais recentemente, pela Tradutologia Feminista Transnacional, e pela proposta estrangeirizante defendida por Venuti, entre outros, a partir dos quais foram aplicadas estratégias conscientes e de acordo com um posicionamento ético-político, marcado, e conseqüentemente limitado, pela subjetividade da tradutora.

A seguir, partindo-se da concepção de que “[o]s textos a serem traduzidos devem ser vistos como incorporados por uma gama de discursos que, por sua vez, têm implicações nas escolhas de quem os traduz” (TYMOCZKO; GENTZLER, 2002, p. 20), são apresentadas duas características do projeto – destacadas como feministas, transnacionais e estrangeirizantes – de tradução, isto é, a escolha consciente de uma voz, de uma literatura e de uma cultura ignoradas no Brasil; e o estabelecimento de um diálogo com Melanie Taylor, no sentido de valorizar o trabalho colaborativo escritora/tradutora. Por fim, destacam estratégias textuais cuja aplicação na tradução foi fundamental para que o texto fosse coerente com o projeto tradutório em questão: a realização de escolhas tradutórias, no nível textual, conscientes, contra-hegemônicas e estrangeirizantes.

A seleção de uma voz e de um texto

A primeira, e mais fundamental, característica definida para o projeto de tradução aqui discutido é, na realidade, pré-tradutória, mas determinante para todo o processo de tradução: refere-se à escolha consciente de traduzir uma voz, uma literatura e uma cultura em grande medida ignoradas no Brasil. Esse procedimento se relaciona intimamente com os pressupostos da Tradutologia Feminista Transnacional, em cujo cerne se encontra o objetivo de, por meio da tradução, “[...] evitar que apenas certas vozes sejam ouvidas, enquanto outras

que ela “sequestra” o trabalho da escritora Lise Gauvin. No entanto, cabe destacar que no próprio prefácio desta tradução Susanne de Lotbinière-Harwood enuncia sua posição ideológica e tradutória, anunciado a leitoras e leitores que “Lise Gauvin is a feminist, and so am I. But I am not her. She wrote in the generic masculine. My translation practice is a political activity aimed at making language speak for women”. No texto, algumas de suas intervenções são, por exemplo, substituir “La victoire de l’homme” por “Our victory” ou colocar o elemento feminino antes do masculino (“her or his”) (FLOTOW, 1991).

são sistematicamente excluídas” (CASTRO; SPOTURNO, 2020, p. 17).

Como comentado na introdução deste trabalho, contamos com análises (por exemplo, WAQUIL, 2021) que demonstram que, de fato, apesar de esforços recentes, ainda há um longo percurso a ser percorrido para que possamos afirmar que, no Brasil, as obras de mulheres latino-americanas são tão traduzidas quanto as de outros provenientes de outros contextos geopolíticos (especialmente as produzidas no Norte Global).

Nesse sentido, é preciso ter em mente que, como lembra Lola Sánchez (2015), todas as traduções que chegam às nossas mãos passaram por um processo de seleção, isto é, são textos que, em algum momento, foram escolhidos para serem traduzidos, já que não há nenhuma razão natural *a priori* para que um texto seja traduzido. Esse processo de seleção é inerente a tudo o que lemos como tradução, e é nesse sentido que é preciso atuar: modificar esses processos invisíveis que insistem escolher as mesmas vozes (SÁNCHEZ, 2015).

Dessa forma, a tradução permite a introdução de novos textos, subjetividades, experiências no sistema cultural de chegada para o qual é produzida. Estudos no campo da tradução como o presente, sustentados na perspectiva feminista transnacional e, portanto, imbuídos da “[...] responsabilidade de ser útil, da disposição de ajudar, [articulando] uma comunicação colaborativa através e apesar das fronteiras e das línguas para promover interesses mútuos” (FLOTOW, 2017, p. 175), devem intervir nessa seleção, estimulando os sistemas culturais a acolherem novas vozes, que, por sua vez, podem produzir efeitos nesses sistemas, modificando-os (SÁNCHEZ, 2015); nesse sentido, as traduções estão, de fato, envolvidas em relações e jogos de poder, já que, dependendo do quê e de quem escolhemos traduzir, podemos questionar, tensionar ou manter os filtros que definem o que se traduz.

A existência das traduções, portanto, é resultado de um processo de discriminação positiva em relação ao que se traduz e negativa com respeito ao que é ignorado, silenciado, descartado; dessa forma, a não tradução freia a difusão e a participação de mulheres nos intercâmbios culturais (SÁNCHEZ, 2015). É assim que se formou, e segue em formação, um cânone patriarcal, que há muito tempo ignora a produção e a tradução de mulheres e, especificamente, a de mulheres do Sul Global. Nessa “não tradução”, encontram-se inúmeras obras escritas por mulheres nos mais diferentes países da América Latina e do Caribe, dentre os quais se destaca, aqui, o Panamá. Nesse contexto, neste trabalho, enfatiza-se a importância de olhar para a literatura panamenha, sobre a qual ainda conhecemos tão pouco, mas que, ao mesmo tempo, destaca-se por particularidades específicas e interessantes, como, por exemplo, a marca do Panamá como país de trânsito, resultado de colonizações, invasões e disputas que se refletem em sua produção literária. Melanie Taylor é uma das representantes da literatura panamenha contemporânea, reconhecida em seu país pelo mercado editorial e por diversos prêmios literários dos quais foi vencedora.

Venuti (2008), em sua defesa das traduções estrangeirizantes que questionem a hegemonia cultural e linguística da língua inglesa, desafiando relações de poder cristalizadas, entende que a própria seleção do texto a ser traduzido é um primeiro passo para a ruptura de padrões de tradução, recepção e leitura. Assim, “[...] escolher traduzir um texto estrangeiro excluído do cânone literário na cultura de chegada” (VENUTI, 2008 p. 16) é também uma

forma de romper com os códigos e valores culturais dominantes que sustentam políticas de tradução silenciadoras. A seleção de quem, do quê e de como traduzimos é, portanto, nessa perspectiva, uma atitude ética, que produz efeitos éticos que podem desafiar ou sustentar os sistemas culturais.

A escolha de “El viaje”, conto representativo da história e da cultura panamenhas, assim como da opressão perpetrada contra, especialmente, mulheres negras escravizadas nos processos de colonização das Américas, foi uma estratégia, neste trabalho, aplicada conscientemente com o objetivo de “compensar o desequilíbrio sedimentado historicamente” (SANCHEZ, 2015, p. 62-63) no Brasil e que tem nos afastado, sistematicamente, dos escritos de mulheres em diversos países latino-americanos, vizinhos ao nosso e, ao mesmo tempo, ainda tão distantes.

Trabalho dialogado

Um dos principais legados do projeto de tradução feminista canadense é a valorização do trabalho de tradução colaborativo, que leva à manifestação e à coexistência de diferentes vozes no texto traduzido; nessa perspectiva, preza-se a diferença que se manifesta pelo contato e pela relação entre duas subjetividades em jogo no processo de tradução (escritora e tradutora). No que se convencionou chamar de projeto de tradução feminista canadense, teve grande destaque a prática desse trabalho compartilhado de tradução em cuja base reside uma ética da diferença, atitude assumida para a valorização da alteridade e da estrangeiridade do texto de partida; ao mesmo tempo, também se relaciona intimamente com a desestruturação dos padrões que envolvem linguagem, gêneros, valores e sistemas culturais.

Barbara Godard, por exemplo, atuava em colaboração com as escritoras que traduzia, discutia suas traduções com colegas e defendia essas parcerias como fundamentais à realização do trabalho de tradução. Segundo Voyer (2016, p. 70), Godard:

[...] redefiniu o que significava traduzir, e sua práxis foi além do âmbito do trabalho solitário e anônimo para o da cooperação íntima orgulhosamente exposta. Sua prática se caracterizou por colaborações ativas com as autoras que ela escolheu traduzir.

Outro nome que se destaca nesse sentido e nesse período de intensa reflexão sobre a prática tradutória e questões de gênero é o da tradutora Suzanne Jill Levine. Seu processo de tradução de escritos do cubano Guillermo Cabrera Infante foi atravessado por uma relação de intensas trocas entre ambos que levou, entre outros, à criação do termo “closelaboration” (LEVINE, 2013), que marca, justamente, a colaboração próxima entre escritor e tradutora no processo de tradução.

Embora a prática de tradução colaborativa defendida por Godard e Levine se situe em um contexto temporal e geopolítico específico – e propício – para a sua realização, acabou tornando-se “[...] chave para a teoria da tradução feminista” (ESHELMAN, 2007, p. 24), de modo que é possível adaptá-la, de acordo com as condições possíveis, a práticas atuais de

tradução, especialmente se trabalhamos com escritoras e escritores contemporâneos e acessíveis de alguma forma. Nesse sentido, inclusive, podemos relacionar a noção de “closelaboration” a uma das bases da reflexão da TFT: a ideia de que a tradução é, sobretudo, uma possibilidade de aliança.

Pensando nisso, o trabalho de tradução de “El viaje”, após a seleção do texto pelas razões expostas no item anterior, teve início apenas depois do contato estabelecido com Melanie Taylor, que gentilmente autorizou a tradução e abriu espaço para nossa comunicação e para as trocas que se seguiram. Dessa forma, estabeleceu-se um diálogo e a possibilidade de interação para diversas questões relacionadas com a tradução da escritora no Brasil, incluindo a discussão de perspectivas de publicação, de debate sobre opções editoriais, a resolução de dúvidas específicas referentes ao texto “El viaje” e a apresentação da tradução em sua versão “final” para comentários da autora.

Assim, a partir do referencial teórico, do legado canadense e da própria experiência prática desenvolvida com Melanie Taylor, defende-se que estabelecer uma relação de colaboração na tradução representa uma possibilidade de construção de um espaço para diálogos que podem auxiliar na compreensão, por parte de quem traduz, da alteridade que caracteriza o texto a ser traduzido, o que tende a favorecer a produção de uma tradução que não ignora ou apaga, mas, pelo contrário, respeita, compreende e valoriza seus elementos culturais.

Estratégia tradutória: escolhas lexicais conscientes

Por fim, como estratégia tradutória aplicada em coerência com o projeto de tradução, destaca-se a intervenção consciente, guiada por uma perspectiva feminista, transnacional e estrangeirizante, de fazer escolhas tradutórias que destacassem, valorizassem – e não apagassem – as marcas histórico-culturais do texto de partida e a presença da voz da tradutora, que é visibilizada, nesta tradução, pela manutenção de termos em língua espanhola e pela elaboração de notas de rodapé que acompanham o texto.

Essa estratégia de intervenção foi aplicada no processo tradutório com base no objetivo central de fazer com que “a tradução seja lida como uma tradução” (VENUTI, 2006, p. 555), e não como um texto transparente, como se tivesse sido produzido na língua de chegada. Implica, portanto, a verbalização da presença tradutória, que se manifesta nas escolhas léxico-textuais evidentemente aplicadas por uma voz diferente da de quem escreveu o texto. A estrangeirização é reconhecida, nesse sentido, também como uma interpretação parcial, que é admitida por quem traduz e evidenciada na tradução:

Traduções estrangeirizantes que não são transparentes, que evitam a fluência por uma mistura mais heterogênea de discursos, são igualmente parciais em sua interpretação do texto estrangeiro, mas tendem a ostentar sua parcialidade em vez de ocultá-la (VENUTI, 2008 p. 28-29).

Dessa forma, essa estratégia busca resistir à ideia de coincidência/identidade entre

texto de partida e texto traduzido, algo “[...] que nós, em nossa cultura, aprendemos e entendemos como tradução” (HERMANS, 1996, p. 196), “[...] definida em termos de transparência e duplicação, não apenas consoante, mas coincidente com todos os objetivos e propostas idênticas ao texto fonte” (HERMANS, 1996, p. 209). Assim, buscando uma contraposição a essas concepções tradicionais, conservadoras e ainda tão arraigadas em nossa cultura a respeito da tradução, foram feitas escolhas que, na proposição de uma ética da diferença, anunciam a heterogeneidade que resulta da tradução enquanto relação e encontro de culturas.

Nesse sentido, por exemplo, destaca-se a manutenção dos nomes próprios em língua espanhola, sem adaptação de sua grafia para o português, mesmo em casos em que isso seria possível, como em *María/Maria*.

Quadro 1 - Manutenção de nomes próprios

Texto de partida	Tradução
Reunidas estaban María la Gorda, quien se ocupaba de la limpieza de las celdas y de las habitaciones de las Madres Superiores; María Piedad , la cocinera; Teresa , otra de las criadas que trabajaba en la huerta; Caimana , una negra alta y fortachona, a quien las monjas le encomendaban labores propias de los hombres como cortar árboles, arreglar muebles, mover cosas pesadas y llevar mandados y mensajes importantes; las dos Soledades , mellizas idénticas, quienes se ocupaban del cuidado de las niñas de familia que vivían y se educaban en el convento.	Estavam reunidas María , a Gorda, encarregada de limpar as celas e os quartos das madres superiores; María Piedad , a cozinheira; Teresa , outra das criadas que trabalhava na horta; Caimana , uma negra alta e forte, a quem as freiras confiavam tarefas típicas de homens, como cortar árvores, consertar móveis, mover coisas pesadas e levar recados e mensagens importantes; e as duas Soledades , gêmeas idênticas, que cuidavam das meninas de família que viviam e eram educadas no convento.

Fonte: elaboração da autora.

Já *Concepción* é, no conto, ao mesmo tempo, uma referência à figura bíblica de Maria e a denominação do convento onde se passa a história – e que foi, de fato, uma instituição fundamental do Panamá do século XVII, o Convento de la *Concepción*. Nesse caso, também se optou por mantê-lo com a grafia espanhola, o que, da mesma forma, baseia-se na compreensão da importância de marcar o estranho, a diferença, a alteridade, pelas mesmas razões que sustentam seu uso na língua de partida: ao mesmo tempo, 1) deixar sinalizada a referência em língua espanhola a uma figura bíblica também amplamente conhecida no Brasil, mas referenciada na história a partir da perspectiva panamenha, e 2) manter o nome próprio da instituição histórica, o Convento de la *Concepción*, que homenageia a figura bíblica. No trecho a seguir, ilustra-se a tentativa de, justamente, marcar essa diferença para que, na menção ao Convento que viria a seguir, fosse possível relacioná-los.

Quadro 2 - Manutenção de nomes próprios: *Concepción*

Texto de partida	Tradução
La procesión partió de la Plaza Mayor, frente a la Catedral, y se enrubó por la calle de la Empedrada. Encabezaba la procesión el mismísimo Don Juan Pérez de Guzmán, acompañado de soldados	A procissão partiu da Plaza Mayor, em frente à Catedral, e desceu pela rua de la Empedrada, conduzida pelo próprio Don Juan Pérez de Guzmán, acompanhado por soldados que carregavam a imagem da Virgem

que llevaban la imagen de la Inmaculada Concepción de María .	Maria, a Concepción.
Ella salía muy poco del convento de la Concepción .	Ela raramente deixava o Convento de la Concepción .

Fonte: elaboração da autora.

Da mesma forma, manteve-se a mesma grafia para Convento de la Merced, outra instituição importante e real da época retratada no conto.

Quadro 3 - Manutenção de nomes próprios: La Merced

Texto de partida	Tradução
Del voraz incendio sólo quedo en pie el Convento de la Merced , el cual los piratas convirtieron en su cuartel general.	Depois do incêndio voraz, só ficou de pé o Convento de La Merced , que os piratas transformaram em seu quartel-general.

Fonte: elaboração da autora.

Em outro caso foi necessário intervir no texto para manter um nome próprio sem prejuízo de compreensão de leitoras(es) e sem ter que domesticá-lo, adaptando-o a elementos da cultura de chegada: Caimana, uma das criadas escravizadas no Convento, é um nome que deriva de *caiman*, espécie de jacaré que, embora também possa ser encontrado no Brasil, é típico da região em que se passa história e, por isso, foi mantido em função da concepção de valorização da diferença, da alteridade, que guiou a tradução – mantém-se a referência à espécie nativa e, conseqüentemente, o nome próprio de uma importante personagem na história, sustentando, assim, o caráter estrangeiro do texto. No trecho a seguir, mostra-se a complementação feita ao texto para explicar a origem do nome e para reforçar sua localização em um contexto diferente do da recepção da tradução.

Quadro 4 - Complementação

Texto de partida	Tradução
No temía a los caimanes , los había agarrado con sus propias manos en la playa, cerca del Matadero, de ahí su nombre , y de eso eran testigos varios niños y un soldado.	Não temia os jacarés , que tinha agarrado com as próprias mãos na praia, perto do Matadero, na presença de várias crianças e um soldado. Seu nome vinha justamente de caiman, um tipo de jacaré típico daquela região.

Fonte: elaboração da autora.

Outro recurso utilizado na tradução foi o da inserção de notas de rodapé, que, entende-se, são uma enunciação de quem traduz, cuja interpretação, “[...] que se dá tanto no momento da leitura do original quanto no da produção do texto da tradução e das notas, deve-se à sua interpelação como sujeito e às determinações sócio-históricas” (MITTMANN, 2003, p. 133). Nesse sentido, as notas foram produzidas também como um espaço de marcação das subjetividades inerentes, embora nem sempre visíveis, a toda tradução.

Além disso, partindo da concepção de que “[...] a tradução é uma ferramenta chave para a criação de conhecimento” (TYMOCZKO; GENTZLER, 2002, p. 21), as notas também foram elaboradas com o objetivo de fornecer informações explicativas e enciclopédicas sobre

o Panamá não só por sua importância para a compreensão do conto, mas também para introduzir ao público leitor alvo novos conhecimentos e valores referentes ao contexto e à cultura de partida, em grande medida, pouco conhecidos no Brasil. A seguir, são apresentados dois tipos de notas que exemplificam essa estratégia.

O primeiro é o que configura as notas para as unidades *cimarrones* e *palenque*, dois termos que caracterizam a experiência da escravidão em países da América do Sul e Central, e mais especificamente no Panamá, e que são fundamentais no desenvolvimento do conto “El viaje”. Embora o Brasil também tenha sido cenário de um intenso e violento processo de escravização, optou-se por manter em espanhol os termos do campo semântico “escravidão”, acompanhados de notas, para manter situada a experiência relatada no conto. *Cimarrones*, por exemplo, era a denominação atribuída aos escravizados fugidos, que se embrenhavam na mata panamenha e constituíam, então, os *palenques*, porções de terreno delimitadas em que se organizavam comunidades desses escravizados que haviam fugido de seus detentores. Assim, para não apagar a especificidade dessa conjuntura, optou-se por manter ambos os termos em espanhol, destacando-os em itálico e elaborando notas de rodapé explicativas que os contextualizassem para leitoras e leitores brasileiras(os)(es).

Quadro 5 - Notas de rodapé: *cimarrones* e *palenque*

Texto de partida	Tradução
La Caimana sintió una ira enorme y una gran impotencia. A pesar de su gran fuerza física, era poco o nada lo que podía hacer para cambiar las cosas. Quizás podía unirse a los <i>cimarrones</i> .	Caimana sentiu uma raiva enorme e muita impotência. Apesar de sua grande força física, havia pouco ou nada que pudesse fazer para mudar as coisas. Talvez pudesse se juntar aos <i>cimarrones</i> *.
	* Nota da tradutora: Originalmente usado em referência a animais domésticos que fogem ou a animais selvagens, nunca domesticados, o termo <i>cimarrones</i> passou a ser usado como denominativo de negros escravizados que fugiam de seus senhores nas Américas do século XVII. No Panamá, os <i>cimarrones</i> costumavam embrenhar-se nas selvas, onde o acesso dos donos e feitores era mais difícil. Bayano foi um <i>cimarrón</i> que se tornou famoso na história panamenha por ter organizado diversas e importantes rebeliões de <i>cimarrones</i> e guerrilhas contra os colonizadores para a defesa de sua comunidade.
Matías y José le contaban de la vida en el <i>palenque</i> . Los africanos eran sus propios amos y señores.	Matías e José lhe contavam da vida no <i>palenque</i> *. Os africanos eram seus próprios amos e senhores.
	* Nota da tradutora: Estrutura na qual os <i>cimarrones</i> se refugiavam, concentravam e organizavam social, econômica e politicamente. No Brasil, essa estrutura ficou mais comumente conhecida como quilombo.

Fonte: elaboração da autora.

Outro tipo de nota foi elaborado para elementos variados da cultura e da história panamenhas. *Otoe* é um tipo de mandioca muito comum no Panamá, constitui a base de

várias receitas culinárias típicas do país e é mencionado no conto de Melanie Taylor como um dos alimentos restantes na despensa do convento e que foi usado na última refeição entre as criadas que sobraram abandonadas ao iminente ataque pirata. Embora o *otoe* seja, de fato, da mesma família de tubérculos como mandioca, macaxeira, etc., trata-se de um alimento com especificidades próprias que, além disso, é um dos itens de exportação do Panamá.

Assim, decidiu-se não propor um equivalente aproximado, reconhecido no Brasil, para evitar o apagamento de uma especificidade cultural e a domesticação do elemento do caráter panamenho que a menção de *otoe* no texto carrega. Pensando nisso, além da manutenção do termo, grifado em itálico, para destacar sua estranheiridade, criou-se uma nota de rodapé simples, mas explicativa.

Quadro 6 - Notas de rodapé: *otoe*

Texto de partida	Tradução
Sorbieron lentamente y luego con avidez una sopa hecha con un poquito de todo lo que habían encontrado: pedazos de pollo, otoe , ñame, yuca, cilantro y pedazos de maíz, también tenía grasa de cerdo.	Tomaram lentamente, e em seguida com avidez, uma sopa feita com um pouco de tudo o que encontraram: pedaços de frango, otoe* , inhame, mandioca, coentro e nacos de milho, além de banha de porco.
	* Nota da tradutora: Também conhecido como <i>malanga</i> ou <i>otoe blanco</i> , é um tubérculo da família da mandioca, do inhame, entre outros; típico de regiões tropicais, é um alimento comum na culinária panamenha.

Fonte: elaboração da autora.

Outro caso é o da menção no texto ao terremoto de 1621, que abalou o Panamá e destruiu diversas edificações, entre elas, o próprio Convento de la Concepción, onde se passa a história do conto, quando acaba novamente destruído pela invasão pirata. Por isso, elaborou-se uma nota explicativa para que leitoras(es) não interpretassem a menção a esse terremoto como ficção, mas, sim, conhecessem outro fato real que caracteriza a história panamenha do século 17. É, nesse sentido, uma estratégia de aproveitamento da literatura traduzida para aproximar o público de chegada dessa tradução a outros elementos característicos do Panamá, ampliando e expandindo o conhecimento, ainda limitado, que temos desse país.

Quadro 7 - Notas de rodapé: o terremoto de 1621

Texto de partida	Tradução
Ella sí recordaba el viaje de llegada a estas tierras. Había sido separada de sus hijos y de su hombre, encadenada por los portugueses, vejada y torturada, vendida en la Feria de Portobelo, traída hasta la Casa de los Genoveses, vendida nuevamente por su dueño a las monjas, luego del terremoto de 1621 .	Ela, sim, lembrava-se da viagem de chegada a essas terras. Tinha sido separada dos filhos e do marido, acorrentada pelos portugueses, violada e torturada, vendida na Feira de Portobelo, levada para a Casa de los Genoveses e vendida novamente por seu dono às freiras após o terremoto de 1621* .
Aunque el convento tenía su propia iglesia, la cual las monjas, con mucho orgullo, estaban remodelando con piedras, por si acaso se diese otro	Embora o convento tivesse uma igreja própria, que as freiras, com muito orgulho, estavam reformando com pedras para que, caso ocorresse

temblor quedara en pie, ella prefería ir a la ermita y nadie le ponía objeción.	outro terremoto* , permanecesse de pé, María Piedad preferia ir à capela e ninguém se opunha a isso.
	* Nota da tradutora: No dia 2 de maio de 1621, o Panamá sofreu um terremoto estimado em 6,9 pontos na escala Richter. Como consequência, a antiga Cidade do Panamá, que, na época, era habitada por aproximadamente 5 mil pessoas, foi em grande parte destruída. Uma das edificações mais afetadas foi, justamente, o Convento de la Concepción, que foi posteriormente reconstruído.

Fonte: elaboração da autora.

Por fim, destaca-se outra informação extraliterária do texto de Melanie Taylor para a qual foi elaborada uma nota que informasse o público leitor da tradução a respeito da marca deixada no Panamá pela invasão pirata – experiência estranha, no sentido de não correspondente ao que viveu o Brasil.

Quadro 8 - Notas de rodapé: Exquemeling

Texto de partida	Tradução
—¡Ni te acerques a la Plaza Mayor, Exquemeling , aquello es un verdadero infierno!—le gritó el otro sin dejar de correr.	— Fique longe da Plaza Mayor, Exquemeling* , aquilo está um verdadeiro inferno! — gritou o outro, sem parar de correr.
	* Nota da tradutora: Referência a Alexandre Olivier Exquemelin, também conhecido como Esquemeling, Exquemeling, Oexmelin, que participou das expedições piratas nas Américas do século XVII, as quais posteriormente relatou, transformando-se em uma referência do tema.
Con esos pensamientos vagó por las calles, registrando lo que hacían los otros con minucioso detalle. Escribiría, luego de muchas tribulaciones para regresar a su Europa natal, un libro denominado Los bucaneros de América .	Com esses pensamentos, ele vagou pelas ruas, registrando o que os outros estavam fazendo nos mínimos detalhes. Ele escreveria, após muitas tribulações para retornar à sua Europa natal, um livro chamado Os Bucaneiros da América* .
	* Nota da tradutora: Publicado originalmente em holandês como “De Americaensche Zee-Roovers”, (“História dos Bucaneiros da América”) em 1678, é considerado a principal referência escrita das expedições piratas de Henry Morgan, que rompeu com Exquemeling e se opôs publicamente à obra publicada.

Fonte: elaboração da autora.

Para concluir, cabe destacar uma vez mais que as notas aqui apresentadas foram elaboradas a partir da concepção de que tradutoras(es) são sujeitos(as)(es) que têm a oportunidade de intervir na produção de conhecimento e, conseqüentemente, na formação e revisão das culturas envolvidas nos processos tradutórios. Nesse sentido, aproveitou-se a oportunidade de traduzir um conto panamenho, ficcional, mas baseado em fatos reais, para apresentar ao público leitor brasileiro informações adicionais e esclarecedoras às apresentadas por Melanie Taylor, de modo a contribuir para a expansão da compreensão que

temos do Panamá no Brasil.

Considerações finais

Este trabalho se estruturou com base em diversos objetivos que, no entanto, unificam-se em um propósito comum: discutir a tradução a partir de uma perspectiva transgressora no sentido de quem se traduz e de como se traduz. Para isso, em primeiro lugar, foi escolhida a voz de uma 1) mulher contemporânea, Melanie Taylor – como contraposição à massiva publicação e tradução de clássicos e de homens –, 2) que produz e enuncia no Panamá, um país do Sul Global pouco reconhecido no Brasil apesar de sua proximidade.

Além disso, o conto “El viaje” foi selecionado porque, além de ser representativo da obra de Taylor, chama a atenção para a história de mulheres nesse período formativo do Panamá, destacando a subjugação a que foram submetidas – algo que é preciso recordar e destacar em função dos efeitos perpetuados até hoje. Nesse sentido, o conto também convoca um olhar para o Panamá a partir de uma perspectiva decolonial, que observa as consequências da múltipla colonização que assolou o país: a espanhola, que transformou a região em uma colônia, a invasão pirata inglesa, destacada no conto, e a estadunidense, mais recentemente, em função da disputa sócio-político-econômica do Canal do Panamá.

A tradução desse conto foi estruturada com base em um projeto de tradução feminista e transnacional, que reivindica a alteração dos fluxos tradutórios como forma de interferir na desigualdade que é produzida a partir da seleção das mesmas e constantes vozes, processo que mantém em silêncio inúmeras outras. Destaca-se, no entanto, que este trabalho representa apenas um esforço inicial de recuperação de vozes ignoradas e que há ainda uma lista infindável de mulheres escrevendo na e sobre a América Latina e o Caribe e que devem ser conhecidas, lidas e ouvidas no Brasil por meio da tradução.

Dentro desse projeto, também foi utilizado o recurso de estrangeirização, manifestado nas escolhas léxico-textuais feitas para produzir um texto que fosse lido, de fato, como uma tradução, um enfrentamento da ilusão da transparência, tal como defendido por Venuti (2006). Dessa forma, buscou-se dialogar com a concepção de Tymoczko e Gentzler (2002, p. 21), segundo os quais “[a] tradução não é simplesmente um ato de reprodução fiel, mas, sim, um ato deliberado e consciente de seleção, montagem, estruturação e fabricação”. Assim, embora nem sempre de forma evidente, o processo de tradução deixa marcas no texto final, o que, neste trabalho, não só foi defendido como algo inerente a qualquer atividade tradutória, mas, também, como um fator que enriquece o texto, a leitura e a recepção da tradução. Assim, se, como aponta Berman (1995), sempre é possível ver o que tradutores(as) dizem no produto final, de modo que um silêncio absoluto é raro na tradução, no caso do presente trabalho, esse silêncio foi sumariamente evitado: pelo contrário, buscou-se justamente enunciar e deixar clara a presença e a subjetividade da tradutora no texto traduzido.

Além disso, é importante deixar claro que a estrangeirização não é uma estratégia universal, aplicável a toda e qualquer tradução, tendo em vista que também pode ser distorcida e/ou utilizada para reforçar estereótipos e preconceitos. Nesse sentido, a tradução estrangeirizante é priorizada “[...] apenas na medida em que possibilita uma ruptura dos valores culturais da língua-alvo, de modo que seu valor é sempre estratégico, dependendo da formação cultural para a qual é traduzido” (VENUTI, 2006, p. 555-556). Neste trabalho, essa estratégia dialogou intimamente com o projeto de tradução proposto, de forma a realçar a alteridade, destacar o texto como uma tradução e, ao mesmo tempo, produzir e oferecer conhecimento ao público leitor alvo. Dessa forma, a tradução de “El viaje” foi proposta como um esforço no sentido de evitar que sustentemos leituras de traduções como produtos transparentes deslocalizados, descontextualizados (SÁNCHEZ, 2051); pelo contrário, as estratégias tradutórias, de base transnacional, feminista e estrangeirizante, foram aplicadas para contribuir para a compreensão da tradução enquanto atividade relacional, que coloca em jogo, aproximando – e não sublimando –, diferentes experiências, subjetividades e posições no mundo.

Referências

- BASSNETT, S. *Translation. The Critical New Idiom*. London and New York: Routledge, 2014.
- BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.
- CASTRO, O. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? *Tradterm*, v. 29, n. 1, 216-250, 2017. Tradução de Beatriz Barboza. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v29i0p216-250>
- CASTRO, O.; SPOTURNO, M. L. (2020). Feminismos y traducción: apuntes conceptuales y metodológicos para una traductología feminista transnacional. *Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana De Traducción*, 13(1), 11–44. <https://doi.org/10.17533/udea.mut.v13n1a02>
- CASTRO, O., ERGUN, E., VON FLOTOW, L., SPOTURNO, M. L., GUIMARÃES BARBOZA, B. R., PULIDO, M. (2020). Hacia una traductología feminista transnacional. *Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana De Traducción*, v. 13, n. 1, p. 2–10. <https://doi.org/10.17533/udea.mut.v13n1a01>
- CHAMBERLAIN, L. *Gender and Metaphorics of Translation*. Chicago: Journals, v. 13, p. 454-472, 1988. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3174168?origin=JSTOR-pdf&seq=1>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- ESHELMAN, D. J. Feminist Translation as Interpretation. *Translation Review*, vol. 74, no. 1, 2007, p. 16-27. Taylor & Francis Online, doi: 10.1080/07374836.2007.10523960.
- FEDERICI, E. The Visibility of the Woman Translator. In: FEDERICI, E. (ed.), *Translating Gender*. Berna: Peter Lang, 2011.
- FEDERICI, S. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista; tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.
- FLOTOW, L. von. On the challenges of transnational feminist translation studies. *TTR: Traduction, Terminologie, Redaction*, 30(1-2), 173-194, 2017.

- FLOTOW, L. von. Feminist/Gender-aware Translation and Translation Studies: evolving toward the “Transnational”. *Conferência na XL Semana do Tradutor e III Simpósio Internacional de Tradução*, UNESP, São José do Rio Preto, 2021.
- FLOTOW, L. von. Feminist Translation: Contexts, Practices, Theories. *TTR*, v. 4, n. 2, p. 69–84. 1991.
- GODARD, B. Theorizing Feminist Discourse/Translation. *Tessera* 6, p. 42-53, 1989.
- GUARDIA, S. B. Literatura e escritura feminina na América Latina. *Anais do XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Ilhéus: UESC, 2007.
- HERMANS, T. The translator's voice in translated narrative. *Target* 8(1): 23-48, 1996.
- HURTADO ALBIR, A. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2013.
- LEVINE, S. J. Many Voices: A Life in Translation. *Words without Borders*. 2013. Disponível em: <https://www.wordswithoutborders.org/article/many-voices-a-life-in-translation>. Acesso em: 31/12/2021.
- MITTMANN, S. *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.
- REVISTA ARCADIA. Cien años, cien libros de escritoras en español. 2019. Disponível em: <http://especiales.revistaarcadia.com/los-cien-mejores-libros-recomendados-de-los-ultimos-cien-anos-escritos-por-mujeres/index.html>. Acesso em: 8 ago. 2020.
- REVISTA PUÑADO. Revista de literatura latino-americana. Ano 2, nº 5. São Paulo: Incompleta, 2018.
- SÁNCHEZ, L. La traducción: un espacio de negociación, resistencia o ruptura de significados sociales de género. In: SALETTI CUESTA, L. (Ed.), *Traslaciones en los Estudios feministas*. Málaga: Perséfone. Ediciones electrónicas de la AEHM/UMA, 55-80, 2015.
- SIMON, S. Translation zones/spaces. In: D’HULST, L.; GAMBIER, Y. *A History of Modern Translation Knowledge: Sources, concepts, effects*. Benjamins Translation Library, p. 331-336, 2018.
- SIMON, S. *Gender in Translation*. Londres e Nova York: Routledge, 2005.
- SOTO RAMÍREZ, M. 2009. La escritora panameña Melanie Taylor Herrera ganó el Premio Centroamericano de Cuento “Rafaela Contreras”, 2009. *Revista Ístmica*, nº 12, 2008-2009.
- TAYLOR, M. *Camino a Mariato*. Managua: Amerrisque, 2009.
- TYMOCZKO, M.; GENTZLER, E. *Translation and Power*. Amherst/Boston: University of Massachusetts Press, 2002.
- VENUTI, L. Translation as Cultural Politics: Regimes of Domestication in English. In: WEISSBORT, D.; EYSTEINSSON, A. *Translation Theory and Practice: A Historical Reader*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- VENUTI, L. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London and New York: Routledge, 2008.
- VOYER, A. S. Of Her Own Volition: Barbara Godard as a Case Study of the Translator's Agency. *Studies in Canadian Literature/Études en littérature canadienne*, v. 41, n. 1, p. 65-80, 2016.

WAQUIL, M. L. Tradução feminista e o poder de tirar vozes do confinamento. *Belas Infiéis*, Brasília, Brasil, v. 10, n. 3, p. 01–22, 2021. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v10.n3.2021.33133. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/33133>.

Recebido em: 05/01/2022.

Aceito em: 24/05/2022.